



SEÇÃO: ARTIGOS

O processo de urbanização na cidade de Belém do Pará durante a *Belle Époque* e seus impactos

The urbanization process in the city of Belém do Pará during the Belle Époque and its impacts

**Analuz Marinho
Gonçalves¹**

orcid.org/0000-0002-5133-5826
analuzmarinhog@gmail.com

Recebido em: 29/04/2020.

Aprovado em: 15/12/2021.

Publicado em: 12/04/2022.

Resumo: O presente trabalho tem como intuito a compreensão do processo de urbanização na cidade de Belém do Pará em paralelo com o restante do Brasil durante o período da *Belle Époque*, abordando as transformações econômicas e sociais decorrentes da segunda metade do século XIX até o início do século seguinte. Para o alcance deste objetivo, fez-se o uso de fontes como artigos, relatos de viajantes, relatórios oficiais do governo do Estado do Pará, álbuns municipais, monografias e livros especializados sobre o assunto e a época. Os Relatórios da Intendência Municipal possibilitaram a leitura do discurso de civilização e progresso propagado por Antônio Lemos, que serviu de apoio ao entendimento do processo de modernização que atingiu a cidade de Belém entre o final do século XIX e início do século XX. Para o desenvolvimento deste artigo, foi primordial a consulta a diversas fontes através de pesquisa bibliográfica e documental. Assim, obteve-se mais de um ponto de vista sobre o assunto, avaliando-se o contexto histórico no qual essas fontes foram produzidas. Como resultado constatou-se um processo decorrente de uma economia global e capitalista, que influenciou não somente a estética local como também as vidas dos cidadãos. Pode-se dizer que as supostas melhorias da infraestrutura urbana, apesar de afetarem a todo o aspecto populacional, não se deram de modo igualitário para todos.

Palavras-chave: *Belle Époque*. Urbanização. Belém do Pará.

Abstract: This paper aims to understand the urbanization process in the city of Belém do Pará in a parallel with other parts of Brazil during the *Belle Époque* period, addressing the economic and social transformations resulting arising from the second half of the 19th century until the beginning of the following century. In order to achieve this goal, sources such as travelers' reports, official reports of the State of Pará government, municipal albums, monography and specialized books on the subject and time were used. The Municipal Intendency Reports made it possible to read the discourse of civilization and progress propagated by Antônio Lemos, which supported the understanding of the modernization process that reached the city of Belém between the late 19th and early 20th centuries. For the development of this article, it was essential to consult several sources through bibliographic and documentary research. Thus, it was obtained more than one point of view on the subject, assessing the historical context in which these sources were produced. As a result, a process stemming from a global and capitalist economy was found, influencing not only local aesthetics but also the lives of citizens. It can be said that the supposed improvements in urban infrastructure, although affecting the entire population, did not happen equally to all.

Keywords: *Belle Époque*. Urbanization. Belém do Pará.

Introdução

De acordo com Mérian (2012, p. 135), o termo "*Belle Époque*" era desconhecido pela população francesa até o final da Primeira Guerra Mundial. Na realidade, os seus conceitos estético e de urbanização passaram a



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil.

ser valorizados como uma tentativa de superar os trágicos eventos da guerra através do resgate ao que se antecederia a ela. Ainda, de acordo com Silva (2020, p. 290), o momento em questão foi marcado pela fama que a França adquiriu como centro da cultura ocidental, servindo de modelo a ser seguido.

A *Belle Époque* foi amplamente associada aos termos "modernização" e "modernidade". "Modernidade", de acordo com Baudelaire (1996, p. 22), pode ser identificado como algo possível de ser extraído do transitório e se tornar eterno, deixando de ser uma moda e se tornando algo histórico. Já de acordo com o sociólogo Giddens, esta palavra se origina antes mesmo do período estudado, ainda que seu significado se relacione com o tema:

refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial (GIDDENS, 2002, p. 11).

Já "modernização", de acordo com Castilho (2010, p. 125), seria um projeto da modernidade a partir da ideologia desenvolvimentista, do progresso e da racionalidade.

No caso da Belém, a urbanização (espelhada em Paris) se deu pelo enriquecimento da cidade por conta dos frutos da economia da borracha, gerando um intenso processo de modificações que afetaram toda a população, principalmente com a reforma de Antônio Lemos.

Esta conjuntura permitiu as intervenções e melhorias seguidas pelos ideais de modernidade, progresso e civilização, introduzidos pelo Poder Público na construção de uma Belém moderna, período que se estende até o final do ciclo, aproximadamente em 1910 (SOARES, 2008, p. 17).

Em um primeiro momento, este artigo aborda brevemente a *Belle Époque* francesa e as suas influências nas modificações urbanas brasileiras. Em um segundo momento, visa-se explanar sobre o crescimento da economia gomífera na região amazônica, relacionando-a com o crescimento urbano da cidade de Belém. Em um terceiro mo-

mento, foca-se nos aspectos sociais vividos pela elite local e pelas classes menos abastadas do período. Por fim, apontam-se as causas que levaram ao fim da economia da borracha e as suas consequências para a sociedade.

As diferentes *Belle Époque* entre França e Brasil

Após a derrota de Napoleão Terceiro contra a Prússia, a França precisava definir suas bases como uma nação orgulhosa de sua história e com valores de civilização e progresso para a humanidade. Também neste período, ocorreu a intensa migração da população rural para o centro urbano em busca de oportunidades de emprego nas indústrias em desenvolvimento e nas obras públicas, que culminaram na França como uma grande potência.

Com a gestão de Paris sob o comando do Barão de Haussmann, a cidade passou por modificações estéticas que favoreciam as elites econômicas e afetavam negativamente as camadas empobrecidas:

De um lado e de outro dessas vias, foram construídos imponentes prédios destinados a substituir as simplórias e insalubres edificações que ocupavam as áreas a renovar. As desapropriações tornavam-se imprescindíveis e as camadas sociais mais baixas eram virtualmente empurradas para locais menos nobres, afastadas pelos locais atingidos pelas intervenções (LIMA, 2000, p. 179).

Com as mudanças urbanas, era necessária uma forma de evidenciar as obras de remodelação de Paris, e, para isso, foram idealizadas as exposições universais. O próprio Brasil chegou a participar, ainda que de forma limitada, da exposição universal de 1889. Com este feito, atraiu para si uma visão positiva enquanto produtor de matérias-primas (café, açúcar, borracha etc.), local com natureza exuberante e que também estava aberto para emigrantes (nota-se a necessidade de povoar o país e contribuir para seu crescimento após a abolição da escravidão, além do "branqueamento" da população). A imagem passada contrastava com a que Paris fazia de si, na qual se expunha como um local rico em cultura e de grande inovação

científica e industrial.

Mas as autoafirmações positivas de Paris se restringiam apenas às elites. No que tange às diferenças sociais, enquanto a burguesia utilizava os vagões de primeira classe e frequentava os lugares da moda, o proletariado permanecia em condições precárias, compondo as chamadas "classes perigosas", que não frequentavam os bulevares e parques e permaneciam no subúrbio sem saneamento (MÉRIAN, 2012, p. 140). Pode-se afirmar que processo semelhante ocorreu na *Belle Époque* importada e adaptada pelo Brasil.

As cidades brasileiras passaram por um abrangente processo de modificações urbanas a partir do século XIX, almejando um vislumbre da *Belle Époque* parisiense para chamar de seu. O Rio de Janeiro ganhou grande destaque, proporcionando uma grande evasão de outros locais para a moderna capital (NEEDELL, 1993, p. 39). A cidade foi amplamente influenciada pelas modificações promovidas pelo modelo francês de Haussmann, seguindo o rigor de que "um Brasil moderno significava necessariamente um Brasil europeizado" (SANTOS, 1985, p. 2). O ideal de modernização propunha uma industrialização imediata como um dos focos da nova elite republicana, estimulando assim a entrada de capitais ingleses e norte-americanos no território. Como cita Mallmann (2010, p. 106), "a cidade é o lugar da construção da modernidade, é a metrópole, enfim, a forma mais específica de realização da vida moderna".

Apesar de a nova configuração urbana ser alvo de admiração daqueles que visitavam as cidades com as características da *Belle Époque*, as pessoas com o poder aquisitivo suficiente para conhecer países estrangeiros (principalmente da Europa) percebiam a distância entre a urbanização do Brasil e de outros países, nos quais as tecnologias eram mais avançadas. E, como uma tentativa de se assemelhar cada vez mais com Paris, foram implementadas nas cidades brasileiras medidas para modificar os hábitos da população (principalmente os mais empobrecidos), como a exigência do uso de paletós e sapatos no cotidiano e o combate aos cortiços.

Seguindo as inovações sanitárias do século

XIX, acreditava-se que era necessário ampliar a ventilação para melhor circulação do ar, o que conferiu no alargamento das vias e na mudança da altura das casas, cuja arquitetura era marcada por grandes janelas e portas. Também foram providenciadas melhorias após a associação da cólera com a água, ocasionando em estratégias para a drenagem da cidade, evacuação do lixo e a elaboração de redes de água e esgoto.

Dentre as modificações, teve-se a notável reforma urbana no Rio de Janeiro com a substituição das ruas estreitas por vias alargadas, o desmembramento dos bairros operários superpovoados e a demolição dos casarões do centro da cidade. Com isto, culminou-se na expulsão das camadas populares sem qualquer tipo de apoio financeiro às mesmas, ocasionando o êxodo desta classe para as zonas atualmente consideradas periféricas e dando início ao processo de favelização da cidade.

O movimento de embelezamento das cidades como tentativa de adaptar a *Belle Époque* para o Brasil abrangeu outras cidades brasileiras, como Manaus, Fortaleza, Recife, São Paulo, e, como será abordado mais especificadamente, Belém. Em muitos locais foram estabelecidos códigos que exigiam da própria população a manutenção da limpeza pública, como pode ser observado no caso da cidade de Fortaleza:

determina que todos os habitantes desta Cidade, e Povoações do município, ou sejam proprietários, ou rendeiros, são obrigados a trazerem limpas as frentes de suas cazas, becos, e fundos de quintaes por onde haja trânsito público.... e proíbe lançar na rua animais mortos e outras imundices que causam mau cheiro (CAMPOS, 1988, p. 64).

Apontando-se também a modernização da cidade de São Paulo, nota-se que houve uma concentração populacional, na qual as modificações estruturais e sociais chegam ao seu auge após intensos fluxos migratórios do campo para os núcleos urbanos. De acordo com Barata (2000, p. 335) a implementação das ferrovias, possibilitou o surgimento de 41 novos municípios ao longo dos trajetos das estradas de ferro somente neste estado. Portanto, é possível perceber que as cidades, influenciadas pelos ideais franceses, prezavam

por sua industrialização.

A economia da borracha e a urbanização de Belém

No século XIX, foi perceptível a evolução dos meios de transporte, com destaque para o navio a vapor, que seria o grande propulsor das comunicações e exportações entre os seringais paraenses, a América do Norte e a Europa.

É com a invenção do pneumático e com o extraordinário desenvolvimento dos transportes, como o navio a vapor, que a produção da borracha vai ser intensificada [...] Inicialmente, sob o monopólio de Irineu Evangelista de Souza – o Barão de Mauá –, que teve a concessão do governo imperial, a navegação do rio Amazonas abre-se aos ingleses e americanos a partir de 1866 (SARGES, 2010, p. 94).

Em 1871, o presidente da Província do Pará Abel Graça anunciou em mensagem à Assembleia Legislativa Provincial a importância máxima da borracha em pauta de exportação, superando as drogas do sertão, que, até então, eram o foco da economia.

Se um paiz possui um producto em cuja exploração cada homem póde auferir proveitos três, quatro ou mais vezes maiores do que qualquer dos ramos da agricultura, é de bom senso que elle prefira esse trabalho. Ora, o Pará possui na borracha esse producto e é racional que o maior numero possível de homens da provincia se occupem na exploração delle. [...] Mas se esses gêneros [os agrícolas] [...] porque todos elles são mais ou menos produzidos em outras provincias e paizes, cuja competencia em qualquer mercado consumidor muito naturalmente deprecialesia. [...] Cada povo deve explorar mais o trabalho que mais vantagens lhe der [no Pará, a borracha] (AGRICULTURA INDUSTRIA E COMMERCIO, [1908]).

Graças aos lucros obtidos na região pelo ciclo da borracha, Belém caminhou em direção à sua própria *Belle Époque*, saindo de uma cidade de "edifícios tristonhos, com aparência de conventos, [...] ruas sem calçamento e com algumas polegadas de poeira" (BATES, 1863 apud TOCANTINS, 1982, p. 122) para a cidade que passou a ser chamada de "Paris Tropical". Assim, formava-se uma nova elite, introduzida na dinâmica do mercado mundial, com a cidade de Belém do Pará se tornando um

"empório comercial" da bacia amazônica (DAOU, 2004, p. 24). Com isso, a cidade passava por visíveis modificações em sua estrutura urbana:

Em 1846, instala-se a Capitania do Porto (era preciso aparelhar a infraestrutura portuária para atender às exigências que a nova economia impunha à região); inauguram-se cemitérios e consulados para atender os estrangeiros na região, citados apenas como alguns exemplos (SARGES, 2010, p. 148).

Tal processo pode ser observado no relato do naturalista Bates ao comparar sua visita em 1859 com a que havia feito 11 anos antes, identificando a redução de espaços naturais, não se tratando mais de uma "aldeia cheia de mato" (BATES, 1979, p. 392-393).

A urbanização se deu de maneira gradual, com a participação dos lusitanos em trabalhos de concessão para construções, instalação de transportes públicos, iluminação, distribuição de água e outros serviços públicos. Essa remodelação ocorrida no século XIX não se deu apenas pela intensificação da vida industrial (como aconteceu na Europa e na América do Norte), mas pela função comercial, financeira, política e cultural que se desempenhou durante a fase áurea da borracha. Em decorrência da nova economia, novos contingentes chegaram à cidade, contribuindo para a sua ampliação e modificação. Os ingleses dominavam o comércio da borracha, chegando a instalar no Norte uma agência do *London Bank of South America* antes de qualquer agência de banco nacional (SOUZA, 1977, p. 102).

Até o início do século XIX, a cidade podia ser distinguida em apenas dois núcleos: a Cidade e a Campina, separados por um alagadiço que dividia Belém em áreas baixas e altas, mas a construção de novas estradas levou em direção ao crescimento da capital. De acordo com Derenji (1987, p. 149), até 1870, a cidade pouco havia crescido em mais de 200 anos, restringindo-se ainda aos dois núcleos iniciais. Porém, o cenário passou a se modificar com a economia da borracha, com a qual Belém foi expandida e surgiram, então, mais dois núcleos urbanos: a freguesia da Santa Trindade, por onde se consolidava a nova estrutura viária que chegava até a outra freguesia: o arraial de

Nazareth (CANCELA, 2006, p. 106).

Modificações nesse planejamento urbano ocorreram ao longo do século e na passagem para o próximo, como observa Amorim (1909, p. 125-126) em seu diário de viagens pelo Brasil, que pode ser considerado um retrato da época visto pela perspectiva de um turista que demonstra familiarização com os aspectos luxuosos de uma metrópole. Amorim separou a urbe em duas dimensões: a parte antiga, litorânea, e a parte nova, com grandes edificações e belas avenidas. Em seus registros, mencionou os armazéns, cafés e casas de moda da avenida João Alfredo, a passagem pelo parque Affonso Penna (atual praça D. Pedro II) e pela praça da República, e também descreveu a beleza percebida no trajeto percorrido pelas avenidas Nazareth (atual Nazaré) e Tito Franco (atual Almirante Barroso). Também teceu muitos elogios ao Bosque Rodrigues Alves, com seus monumentos, pontes, grutas e cascatas, e também aos bondes, que considerou mais confortáveis que os do Rio de Janeiro, cidade em que residia e onde também ocorria a *Belle Époque*.

Muita gente que vive aqui, no Rio, e que só conhece o Pará através dos telegrammas que anunciam a alta ou a baixa do preço da goma elástica, não imagina que à margem do estuário do Tocantins, exista uma cidade com

todos os requisitos e luxos da vida contemporânea (AMORIM, 1909, p. 126).

O mais intenso processo de modernização de Belém foi um reflexo da riqueza gerada pela goma elástica durante a administração do intendente Antônio José de Lemos, que, enquanto administrador público, transformou Belém em uma das maiores metrópoles do país (ROCQUE, 1973, p. 20). Com ele, uma série de melhorias visuais foram implementadas na cidade, como pavimentação de ruas com paralelepípedos de granito, construção de praças, jardins e usinas de incineração de lixo para limpeza urbana. "Entretanto, todo esse 'progresso' era localizado e dirigido à área central da cidade, onde habitava a elite local e parte da classe média nascente" (SARGES, 2010, p. 158). Seu projeto de urbanização incluía o disciplinamento dos hábitos da população e serviços de limpeza urbana (Figura 1) em função do interesse coletivo, através da Fiscalização, da Polícia Municipal e das Leis e Posturas Municipais.

Esse projecto, que vae em execução, consigna uma remodelação dos defeituosos esgotos, aterro de pantanos, nivelamento e alinhamento das ruas, construcção de caes acostaveis, etc. Transformará de fond en comble [completamente] a historica Santa Maria di Belém (CACCAVONI, 1898, p. 34).

Figura 1 – Cocheira do serviço de limpeza urbana



Fonte: Álbum do Estado do Pará (1908).

Assim como na Europa e em outras cidades do país, houve a tentativa de dar uma nova identidade

para Belém. "A destruição da imagem da cidade desordenada, feia, promiscua, imunda, insalubre

e insegura, fazia parte de uma nova estratégia social no sentido de mostrar ao mundo civilizado [...], que a cidade de Belém era o símbolo do progresso" (SARGES, 2010, p. 14). Fez-se necessário um aparato legal do poder público para, assim como em outras localidades do Brasil, regular diversos aspectos da cidade, que iam desde a higiene dos estabelecimentos públicos, habitações coletivas, hotéis, até o controle dos alimentos vendidos para a população, barulhos emitidos nas ruas e palavras obscenas proferidas em público. Afinal, era preciso preservar os bons costumes dos habitantes de uma cidade que experimentava o progresso. Tudo para que a cidade pudesse dispor dos serviços e infraestrutura semelhantes aos encontrados na Europa, passando a atrair a elite gomífera a se instalar na região.

Os ambientes voltados para a saúde da população, tais como hospitais e casas de saúde, passavam pela inspeção de médicos municipais e da autoridade sanitária do município. Assim como

nenhum morador poderia ter em sua casa pessoa infectada de doença contagiosa, sob pena de pagar uma pesada multa. [...] Com a finalidade de melhor controlar a devastação proveniente da ação das moléstias, a administração de Antônio Lemos criou em 1901 o Departamento Sanitário Municipal, que deveria atuar em conjunto com a política sanitária (SARGES, 2010, p. 166-167).

Outro método de controle da higienização da cidade foi a instalação de um novo centro crematório de lixo e animais mortos, na atual avenida 9 de janeiro com a rua Fernando Guilhon (antiga Conceição), no bairro da Cremação, já que o antigo posto destinado a esse serviço (no bairro da Batista Campos) se encontrava obsoleto para atender o contingente populacional do período. A atividade crematória se tornaria imprescindível para o acompanhamento da modernização da cidade: "chegou a hora de regradar a filosofia urbana da excreção organizando a eliminação sistemática dos dejetos" (CORBIN, 1987, p. 150).

Associando o projeto urbano com as vidas individuais dos habitantes, o intendente Antônio Lemos defendia que de nada adiantavam as medidas severas sobre limpeza urbana se os municipes

persistissem em manter a rua ou a frente de suas casas em estado de sujeira em momentos que que o serviço de remoção de lixo não estivesse funcionando ou em horários de forte radiação solar (LE MOS, 1904, p. 56). Ainda com Lemos, tem-se a instalação de um sistema de esgoto na cidade, de acordo com seu projeto de ampla urbanização e modernização de Belém: "esta estratégia apresenta-se, no projeto de instalação da rede geral de esgotos, pensada e articulada de modo detalhado" (SARGES, 2010, p. 171).

Devido à necessidade, por parte classe dominante, de condições de salubridade para o fornecimento de seus produtos alimentícios, Lemos ordenou a construção de um Matadouro: "penso poder dentro de pouco tempo [...] assinar com a Companhia Pastoril Paraense o contrato para a construção e exploração de um matadouro modelo, que responda às exigências da estética e higiene hodierna" (LE MOS, 1903, p. 89).

Lemos demonstrava preocupação em relação aos que se dedicavam à mendicância, mandando criar um asilo para tirá-los do convívio social. "Assinalando o processo de construção de uma sociedade moderna, a presença de uma pobreza indigente será considerada um desvio no macrocosmo social" (SARGES, 2010, p. 193). Inaugurou-se assim, em 16 de novembro de 1902, o Posto Médico do Asilo.

A respeito dos cidadãos que viessem a falecer, a incineração de cadáveres foi a solução encontrada para a contenção de epidemias, explicitando uma nova maneira de ver a doença e a morte, seguindo os padrões de estudos da ciência médica da época. Pode-se também citar, como uma construção de modernização e higienização da cidade, a instalação de um necrotério inaugurado no dia 28 de março de 1899 e localizado na Doca do Ver-O-Peso.

Não só com a fiscalização sanitária se preocupava o intendente Antônio Lemos. Em termos de mudanças estéticas, foram instaurados quiosques na cidade, cujo alguns modelos foram criados de modo que compusessem harmonicamente com as praças e jardins onde foram posicionados. Sua construção partiu de um acordo entre a Intendência e o engenheiro Francisco Bolonha (SARGES, 2010,

p. 181-182).

O intendente também levava em consideração a arborização da cidade, buscando uma vida mais saudável para a população, mas também sob os ideais estéticos europeus ao domesticar a paisagem selvagem. Na *Belle Époque*, o paisagismo correspondia à ideologia burguesa do melhoramento. Assim, para a arborização da cidade, a Intendência reaparelhou o Horto Municipal, que deveria oferecer mudas sob o comando do jardineiro alemão Eduard Hass.

Também, sob o comando de Lemos, foram postos em prática projetos de construção e

modificação de estabelecimentos, prezando-se pela valorização contemplativa da natureza, com caminhos e coretos comumente margeados por pequenos corpos d'água, tal qual requeria o padrão estético. Foi revalorizado e ampliado o Bosque Municipal, localizado no Marco da Léguas (área afastada do centro, e que hoje se encontra largamente urbanizada), com o objetivo de proporcionar mais um espaço de visitação para a elite. Em 11 de novembro de 1903, o Bosque Municipal foi renomeado Bosque Rodrigues Alves (Figura 2), cujo nome permanece até os dias atuais.

Figura 2 – Bosque Rodrigues Alves



Fonte: Biblioteca Nacional – Brasileira Fotográfica Digital (Ica. 1910).

A Praça da República (Figura 3) também já existia antes do período, sob o nome de Largo da Pólvora, mas foi reformada seguindo um novo padrão espacial e estético, com monumentos voltados à consagração dos triunfos e ideais nacionais. As

vias que delimitavam a praça contribuíram para a instalação de cafés, restaurantes demais estabelecimentos voltados ao entretenimento (LEMOS, 1902, p. 18).

Figura 3 – Coreto na Praça da República



Fonte: Biblioteca Nacional – Brasileira Fotográfica Digital (Ica. 1910).

Vale ressaltar que, apesar de ser uma das *ciudades-boom* brasileiras, Belém não se encontrava em estágios de industrialização tão avançados como no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas já apresentava, na segunda metade do século XIX, um número significativo de manufaturas.

No que se refere às construções, a memória coletiva da *Belle Époque* representada em Belém demonstra a participação de poucos que tinham acesso ao luxo privado, mantendo-se silenciado o testemunho dos menos favorecidos.

mais do que qualquer outra manifestação artística, a arquitetura depende diretamente das condições materiais, e excluir os aspectos históricos e geográficos dentro das quais ela se desenvolveu implicaria não compreender seu significado e sua própria razão de ser (BRUAND, 1981, p. 11).

Exemplos arquitetônicos construídos neste recorte temporal e que se mantém até hoje são o Instituto Lauro Sodré (Figura 4) - atualmente o prédio é utilizado como Tribunal de Justiça do Es-

tado, mas anteriormente fora o Instituto Paraense de Educandos Artífices, órgão de educação profissionalizante para meninos órfãos ou em situação de extrema pobreza; o Palacete Bolonha - que foi concebido pelo engenheiro Francisco Bolonha com a inspiração na arquitetura europeia e de estética *Art Nouveau*,² e o Palacete Pinho - que teria como principais materiais o ferro e o vidro, revolucionários para a época. Há também o Palacete Bibi Costa (Figura 5) - residência do major Carlos Bricio da Costa, também projetada e executada por Francisco Bolonha em 1905, e que hoje se encontra em estado de abandono. O ferro foi um material largamente utilizado em construções ao redor do mundo e em Belém não foi diferente, como pode ser observado em prédios remanescentes da época, como o mercado de ferro do Ver-o-Peso, que teve sua construção aprovada em março de 1899, e a loja Paris n'América, com as artes decorativas de sua escadaria e colunas.

Figura 4 – Fachada do Instituto Lauro Sodré, atual Tribunal de Justiça do Estado



Fonte: Monografia do Instituto Lauro Sodré (1904).

² Estilo artístico presente em pinturas, artes gráficas, arquitetura e mobiliários entre o final do século XIX e início do século XX. Valorizava formas orgânicas e motivos naturais, dando grande ênfase para representação de flores. Foi um estilo largamente utilizado em construções erguidas no período da *Belle Époque*. Na arquitetura, trouxe inovações como o uso de ferro e vidro. Foi substituído no início do século XX pela simplicidade do estilo *Art Déco*, cujas formas retílineas se tornaram mais práticas e viáveis economicamente após a Primeira Guerra Mundial.

Figura 5 – Palacete Bibi Costa, localizado na avenida São Gerônimo (atual José Malcher), esquina com a travessa Estaçãozinha (atual Joaquim Nabuco)



Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém pelo intendente Antônio Lemos (1906).

A influência da urbanização na sociedade

Nesse período ocorreu a ascensão de uma nova elite burguesa. Pode-se dizer que foi esse novo grupo dominante que direcionou a remodelação da cidade, imprimindo a ela o brilho da *Belle Époque* amazônica. A classe enriquecia graças à borracha, e muitos grupos exigiam a modernização urbana, sobretudo porque era na cidade que moravam os seringalistas, comerciantes e financistas. Os donos de seringais, em sua maioria, se deslocavam atraídos pelo conforto que esta podia lhes oferecer, mas sem se distanciarem de seus barracões.

A França não era somente uma influência estética, mas também no aspecto intelectual e cultural da sociedade, ressaltando-se que era comum, entre as famílias ricas, que se mandasse os filhos para a Europa com a finalidade de aprimorar sua educação.

Durante o período da borracha, Belém se tornou o maior centro cosmopolita da região, proporcionando diversos cenários socioeconômicos, dentre os quais uma das formas de distinção social seria por meio da indumentária e de ornamentos. Os termos de civilidade e os códigos de vestuário compunham regras de etiqueta a serem seguidas, e os homens que circulavam pela alta sociedade vestiam as mais elaboradas composições ao estilo dândi,³ não dispensando o fraque e a cartola, mes-

mo sob o calor tropical. Já as mulheres mais ricas mandavam buscar seus vestidos diretamente de Londres e Paris, e, para atender a esta demanda, foram instalados estabelecimentos comerciais como a casa de moda Paris N'América. "Em 1909, Belém possuía 290 estabelecimentos comerciais do setor de moda e vestuário, aumentando este número para o total de 295 em 1917" (FERREIRA; HAGE, 2015, p. 9). Segundo Braga e Prado (2011, p. 28), Paris ditava a moda para o mundo, e o Rio de Janeiro reproduzia os comportamentos e a moda francesa, espalhando estes valores para o resto da nação.

Mesmo com um processo de urbanização em expansão que poderia facilitar a concretude de uma vida boêmia, Amorim (1909, p. 127) relatou em seu diário de viagem a ausência de uma vida noturna marcante na cidade. Segundo o viajante, as pessoas tendiam a se reunir apenas no intervalo das 7 horas da noite até às 11, com algumas dezenas de pessoas em frente ao Café da Paz, na Praça da República, contrastando com a movimentada cidade do Rio de Janeiro.

Apesar do "embelezamento" pelo qual as cidades passavam no período, é comum a dualidade entre as camadas mais ricas e as mais empobrecidas em seus modos de vida. As principais cidades amazônicas do ciclo da borracha apresentavam contrastes sociais que representavam o paradoxo

³ Dândi: um estilo masculino de se vestir surgido no fim do século XIX, que geralmente atendia a padrões estéticos ligados a quem frequentava a alta sociedade, sem necessariamente pertencer a ela.

da modernidade capitalista, onde conviviam, de um lado, o luxo da burguesia consumidora de produtos, e do outro, miséria e prostituição vividas pelas margens da sociedade da época. A cidade, ao mesmo tempo em que expressava fascínio, configurava seu processo de transformação ao lado de configurações inferiores de vida.

Tal visão acaba por gerar uma dicotomia nos estudos sobre o movimento: de um lado se teria a história oficial com seus feitos e fatos e de outro a história dos grupos sociais menos favorecidos, que mesmo esquecidos pela escrita da história autorizada, interagiram, contestaram, encantaram-se e modificaram, na

medida do possível, os caminhos da mudança na infraestrutura, nos hábitos e tradições defendidas pelas elites políticas (ARAÚJO; PACHECO, 2015, p. 82).

A diferença entre as classes pode ser visível pelos lugares frequentados pelas mesmas, assim como seus meios de locomoção, havendo uma designação de bondes de acordo com o poder aquisitivo. Assim, havia um tipo mais comum, destinado à população mais pobre (Figura 6), e um de luxo para os mais abonados, servindo de condução de autoridades em ocasiões especiais (Figura 7).

Figura 6 – Interior do bonde comum



Fonte: Álbum do Estado do Pará (1908).

Figura 7 – Interior do bonde de luxo



Fonte: Álbum do Estado do Pará (1908).

No período correspondente à *Belle Époque*, houve um aumento do processo de estratificação

social, em decorrência do projeto de embelezamento de vias centrais da cidade. Isto se deu

porque foram criadas medidas políticas que estabeleceram o controle das casas próximas às áreas verdes de Belém, onde as mesmas deveriam condizer com o plano estético da nova ordem social (SOARES, 2008, p. 69). Logo, assim como em outras cidades do Brasil, as famílias que não podiam arcar com as demandas estabelecidas pelas reformas urbanas deveriam se deslocar do centro da cidade em direção a áreas periféricas, para que não "atrapalhassem" a estética das vias destinadas à maior circulação de pessoas e veículos.

A queda da borracha

Por volta de 1920, intensificou-se a concorrência pelo mercado da borracha, pois este já se encontrava também consolidado na Ásia, além do desenvolvimento da produção sintética em laboratórios europeus e norte-americanos. Assim, Belém perderia o posto de "capital da borracha", mas deixaria como legado as modificações urbanas executadas.

"A Amazônia, descapitalizada, manietada pela falta de poupanças locais, presa a uma estrutura econômica retrógrada, viu passar, desse modo, sua chamada fase áurea" (SILVA, 1962, p. 97). Com isso, após a crise da economia da borracha, teve-se a falência das casas aviadoras, a deposição das famílias que assentavam seus lucros nelas e a pauperização da população geral.

Os seringais da Amazônia só seriam novamente o alvo do mercado internacional após a ocupação dos seringais orientais, durante a Segunda Guerra Mundial, e para se estabelecer os preços-teto do produto, foram estabelecidos os "Acordos de Washington" (1942/45) e a criação do Banco de Crédito da Borracha (atual BASA). Apesar dos esforços, a goma elástica não atingiu os índices de produtividade do início do século.

Considerações finais

Com a produção deste artigo, foi possível uma compreensão mais aprofundada sobre o processo de urbanização da cidade de Belém durante a *Belle Époque*, seguindo um movimento artístico e urbano que era aplicado não somente na localidade em questão, mas em outras cidades

brasileiras. Ainda que se tentasse seguir o modelo parisiense, é perceptível que esse processo teve características generalizadas entre as cidades (como reformulações urbanas e códigos sanitários), mas também proporcionou para que elas tivessem peculiaridades próprias, divergindo da *Belle Époque* original em alguns aspectos. Assim, percebe-se que, ainda que o Brasil se espelhasse em Paris, a *Belle Époque* brasileira se diferenciava da francesa.

Em Belém, a *Belle Époque* se concretizou de maneira além de altivas edificações, mas também ao se perceber como os ideais de industrialização se conectavam com o mundo a partir do momento em que a cidade lucrava com a economia da borracha, item exportado e divulgado largamente na Europa.

Também é possível detectar que as modificações urbanas implementadas influenciaram as vidas dos cidadãos ao seguir os ideais de progresso francês, mas "escondiam" a pobreza da cidade, deslocando-se as massas das principais vias e associando o domínio do espaço urbano ao poder da elite e do Estado. Apesar dos seus esforços de mudanças urbanas serem proclamados em prol de um bem coletivo, as reformas do intendente Antônio Lemos privilegiaram as classes mais ricas da população, atendendo às suas demandas. Por isso, percebe-se que a urbanização de Belém (assim como da própria Paris, do Rio de Janeiro e de outras cidades do Brasil), apesar de ter uma referência estética e um foco social, foi um processo plural, pois acentuou a desigualdade já existente entre as classes. E, para esta constatação, a busca documental e de bibliografia especializada possibilitaram o desenvolvimento desta noção.

Com isso, é inegável que a lembrança primordial que se tem da *Belle Époque* é a de uma memória das elites, onde se tem perpetuadas as belas construções e se admira o legado do período, mas raramente se fala da contribuição das modificações urbanas para segregação social que se perpetua até a atualidade.

Referências

AMORIM, Annibal. *Viagens Pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1909.

ARAÚJO, Lucas Monteiro de; PACHECO, Agenor Sarraf. Nas margens da Belle Époque amazônica: patrimônio e relações de poder nos Marajós. *Revista Muiraquitã*, Acre, v. 3, n. 2, p. 80-102, ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/638>. Acesso em: 3 nov. 2019.

BARATA, Rita Barradas. Cem anos de endemias e epidemias. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. Rio de Janeiro v. 5, n. 2, p. 333-345, 2000. ISSN 1678-4561. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v5n2/7099.pdf>. Acesso em: 7. abr. 2021.

BATES, Henry Walter. *Um Naturalista no Rio Amazonas*. São Paulo: EDUSP/Itatiaia, 1979.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BELÉM. Intendência Municipal. O Município de Belém – 1906. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15/11/1906 pelo Exmo. Sr. Intendente Antônio José de Lemos. Belém: Arquivo da Intendência Municipal, 1907. Figura 5.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. *História da moda no Brasil: das influências às autorreferências*. São Paulo, SP: Pyxis Editorial, 2011.

BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CACCAVONI, Arthur. *Álbum descritivo Amazônico*. Gênova: F. Armanino, 1898.

CAMPOS, Eduardo. *A Fortaleza Provincial: Rural e Urbana*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.4215/rm.v1i2.181>. Acesso em: 7 abr. 2021.

CANCELA, Cristina. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém, 1870-1920)*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CASTILHO, Denis. Os Sentidos da Modernização. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, 2010. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/1441>. Acesso em: 11 abr. 2021.

CORBIN, Alain. *Saberes e Odores: O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CORETO na Praça da República. [ca. 1910]. Figura 3. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/2200>. Acesso em: 24 nov. 2019.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque Amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DERENJI, Jussara da Silveira. Arquitetura Eclética no Pará. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Eclétismo na Arquite*

tura Brasileira. São Paulo: Nobel: Edusp, 1987, p. 146-173.

FERREIRA, Maria Henriques; HAGE, Fernando. Comércio e Consumo de Moda em Belém: Paris n'América e o Início do Século XX. In: COLÓQUIO DE MODA, IX., 2015, Curitiba. *Anais [...]*. Disponível em: <http://www.coloquio-moda.com.br/anais/coloquio%20de%20moda%20-%202015/comunicacao-oral/co-eixo3-cultura/co-3-co-mercio-e-consumo-de-moda-em-belem.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

BOSQUE Rodrigues Alves. [ca. 1910]. Figura 2. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/2194>. Acesso em: 24 nov. 2019.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

LEMOS, Antônio José de. *Relatório Apresentado ao Conselho Municipal*. Belém: 1904.

LEMOS, Antônio José de. *Relatório Apresentado ao Conselho Municipal*. Belém: 1903.

LEMOS, Antônio José de. *Relatório Apresentado ao Conselho Municipal*. Belém: 1902.

LIMA, Evelyn Furkin Werneck. *A arquitetura do espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

MALLMANN, Marcela Cockell. Pelos Becos E Pela Avenida Da Belle Époque Carioca. *SOLETRAS*, [S. l.], n. 20, p. 105-118, dez. 2010. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5168>. Acesso em: 9 abr. 2021.

MÉRIAN, Jean-Yves. A Belle Époque francesa e seus reflexos no Brasil. A Belle Époque Brasileira. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL A BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA, 2012, Lisboa. *Atas do [...]*. Lisboa Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012. p. 135-162. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20130604-atas_belle_epoque.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

PARÁ, Estado do. *Monografia do Instituto Lauro Sodré* (Escola Profissional do Estado). Pará: Typ. E Encadernação do Instituto Lauro Sodré, 1904. Figura 4. Disponível em: <https://issuu.com/ufpadoispontozero/docs/monografialaurosodre>. Acesso em: 24. nov. 2019.

PARÁ, Governo do Estado do, 1901-1909 (Augusto Montenegro). *Álbum do Estado do Pará: oito anos de governo*. Paris: Chaponet, 1908. Figura 1, 6 e 7. Disponível em: <http://www.fcp.pa.gov.br/obrasraras/album-do-estado-do-para-1908>. Acesso em: 22 nov. 2019.

ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e Sua Época*. Belém: Amazônia Ed. Culturais, 1973.

REVISTA DA SEMANA. *Jornal do Brasil*, Belém, Anno XII, n. 436, 20 set. 1908. Edição semanal ilustrada (texto do Governo Municipal de Belém).

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados: Revista de Ciências*

Sociais, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985. Disponível em: <http://www.bvshistoria.coc.fiocruz.br/lildbi/docsonline/antologias/eh-594.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2021.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SILVA, Ingrid Oliveira Santos. O Léxico, e Sociedade e os Termos da Moda na Belle Époque Francesa. *Revista Inventário*, Salvador, n. 26, p. 290-310, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/viewFile/38437/23782>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SILVA, Luis Osiris da. *A Luta pela Amazônia*. São Paulo: Fulgor, 1962.

SOARES, Karol Gillet. *As Formas de Morar na Belém da Belle Époque (1870 - 1910)*. 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <http://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Ms%202006%20KAROL%20GILLET%20SOARES.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SOUZA, Márcio. *A Expressão Amazonense*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

TOCANTINS, Leandro. *Amazônia – Homem, Natureza e Tempo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1982.

Analuz Marinho Gonçalves

Especialista em Design de Moda pela Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém, PA, Brasil; bacharel em Design de Produto pela Universidade Estácio de Sá, em Belém, PA, Brasil. Estudante de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, PA, Brasil.

Endereço para correspondência

Universidade Federal do Pará

Rua Augusto Corrêa, 01

Guamá, 66075-110

Belém, PA, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.